

## O LOCAL E O UNIVERSAL COMO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO EM PAULO FREIRE

LOCAL AND UNIVERSAL AS FORMATION SPACES IN PAULO FREIRE

**Ettore Gelpi<sup>1</sup>**

Université de Paris I - Sorbonne / Ex-Professor

ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-7471-3343>

### RESUMO

O texto marca uma análise realizada na literatura publicada concernente a Paulo Freire, com ênfase nos sujeitos ativos de sua reflexão, que são os trabalhadores. Mostra que, tanto no Brasil quanto na América Latina, há um aumento do trabalho precário e do trabalho feminino, com uma frequente desvalorização das qualificações e dos salários. Mostra o interesse crescente em reatualizar o pensamento de Paulo Freire e salienta o enfraquecimento de estudos sobre ele e sobre a ênfase da dimensão política forte, que é a marca maior de suas reflexões ao defender a ação educativa. O trabalho permite refletir que o interesse de Paulo Freire pelo enraizamento da ação educativa nas comunidades e por uma relação direta com a população não era de tudo separado de seu interesse pelo universal. Enfatiza que é muito difícil, ou, até, verdadeiramente impossível compreender a interpretação de seu respeito pelo *local* ou o regional como uma rejeição ao universal.

**PALAVRAS-CHAVE:** O trabalho com força de luta. Paulo Freire. Relação entre local e universal.

### 1 INTRODUÇÃO

Minha amizade com Paulo Freire data de 1975, por ocasião de um colóquio organizado pela divisão de Filosofia da UNESCO e o Bureau International d'Education (BIE) de Genebra sobre as finalidades da educação. Então funcionário da UNESCO, fui convidado como coorganizador, sobretudo, por causa de minha obra sobre a história mundial da educação em 1967. Propus, imediatamente, a participação de Paulo (que, na época, eu não conhecia pessoalmente), pois considerava que sua contribuição com a educação do Século XX era de uma importância grandiosa. Na época, reinava, no Brasil, o regime dos coronéis, e Paulo Freire não era *persona grata*, evidentemente. Por essa razão, fizeram-me saber que eu não poderia convidá-lo para um colóquio da UNESCO. Minha resposta ao Diretor do BIE foi que eu não podia aceitar participar de

---

<sup>1</sup> Ex-Professor da Université de Paris I – Sorbonne, falecido em 2002. O texto foi traduzido pela Dr. Edna Gusmão de Góes Brennand, professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB, e por Emmanoel de Almeida Rufino, doutorando do referido Programa e Instituição. E-mail: [ednabrennand@gmail.com](mailto:ednabrennand@gmail.com)

um colóquio sobre esse tema sem a participação de Paulo Freire. Dali começou uma negociação que teve como desfecho a aceitação de minha proposta e o convite – também feito pelo BIE – de outro professor de uma universidade brasileira. No colóquio, havia oito especialistas, dos quais dois eram brasileiros que não se comunicaram durante cinco dias. Em seguida, tive a possibilidade de convidá-lo para um colóquio na Sicília, organizado por Danilo Dolci, que, durante toda a sua vida, foi – como Paulo – um grande construtor de ideias. Em volta da mesa, havia também John Galtung e Bogdan Suchodolski (infelizmente, esse formidável encontro do verão de 1976 não foi registrado). Desde então, nós nos reencontramos muitas vezes, nos colóquios e ao redor de círculos de cultura, para partilhar nossas ideias comuns e nossas divergências. E a amizade sempre teve a possibilidade de se aprofundar.

Falo, portanto, de uma pessoa que não conheci somente por meio da leitura de suas obras, que contribuíram para a construção de minhas reflexões, mesmo que nossas experiências fossem, em certa medida, diferentes.

## **2 IDEIAS ACERCA DO LEGADO FREIRIANO**

Ao lançar, hoje, um olhar sobre a vida e a obra de Paulo Freire, posso dividi-la em três grandes eixos: o primeiro, a respeito da forma como esse grande educador contribuiu, inicialmente em seu país, em seguida, na América Latina e, posteriormente, no mundo inteiro, com os alicerces de uma pedagogia crítica, fundada na defesa da luta dos oprimidos e coerente com suas ações, suas concepções e sua maneira de ser; o segundo, fundado em uma análise de seus textos, a partir de um plano teórico e histórico que permite situar sua pedagogia crítica na história moderna da educação; e o terceiro, mais crítico, cujo interesse é o de colocar em relevo as contradições filosóficas, políticas e ideológicas de Paulo Freire. É preciso reconhecer que nenhum pesquisador, embora levantando algumas críticas a alguns pontos centrais de sua obra, pode colocar em discussão a honestidade e o valor moral de Paulo Freire.

É possível constatar que, desde os anátemas do Brasil, na segunda metade dos anos 60 e nos anos 70, os poderes constituídos negavam o poder de uma educação para a libertação e temiam suas consequências. De forma geral, recusavam as ações que pudessem libertar os indivíduos. Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire circulou rapidamente nas várias universidades e em certas estruturas internacionais, tão bem quanto no variado mundo das associações e organizações não governamentais. Podemos, em diversos momentos, nas décadas que se seguiram, constatar que era

evidente, nesses contextos, a vontade recorrente de recuperar seu pensamento, já presente durante sua vida e que se acelerou depois de sua morte.

O que mais me marca na análise da vasta literatura publicada concernente a Paulo Freire é que não se fala frequentemente dos sujeitos ativos de sua reflexão, que são os trabalhadores, sujeitos que dão gênese à sua reflexão, tanto no meio rural, na América Latina e na África, quanto no meio urbano, particularmente em sua experiência na sua cidade natal, Recife, e como responsável pela educação da cidade de São Paulo. Além de pensar em estratégias para formar os trabalhadores, era poeta, utópico e filósofo. Mas todas essas dimensões eram discutidas como forma de contribuir para transformar – no meio das políticas e das práticas educativas, culturais e sociais – as condições de vida dos trabalhadores. Essa é a razão pela qual procurarei refletir sobre suas ideias nessa perspectiva, porque nem o trabalho está em via de desaparecer nem os trabalhadores pertencem à história do passado.

### **3 A DIMENSÃO POLÍTICA DO TRABALHO**

Paulo Freire entende que, para se evitar o perigo de manipular as massas, é preciso pensar na natureza política da educação. Ele afirma que o partido revolucionário que se recusa a aprender com as massas (cindindo a unidade dialética entre ensinar e aprender) não é revolucionário, mas elitista e esquece o ponto fundamental da terceira tese de Marx sobre Feuerbach, que reconhece que o verdadeiro educador faz educação. O verdadeiro educador precisa se educar. Precisa o educador educar e ser educado.

A ação de Paulo Freire, através desta análise e de suas proposições educativas, contribuiu com os movimentos de libertação de vários países. Ele se referia a diversas mensagens que recebera ao longo de sua vida, e uma das quais mais se orgulhava era uma que foi recebida em 1992 de um líder salvadorenho que se resumiu na seguinte ideia: “Paulo Freire, através de vossa educação libertadora, vós tendes contribuído à luta do povo salvadorenho para a justiça social. Com gratidão e respeito, F.M.L.N”.

Durante décadas, verificamos um interesse crescente em reatualizar o pensamento de Paulo Freire. Entretanto constatamos que não falta nesse esforço ênfase à dimensão política forte, que é a marca maior de suas reflexões e a defesa da ação educativa. Um exemplo dessa tentativa é a abordagem feita pela Regenerated Freirean Literacy to Empowering Community Techniques – REFLECT - produzida pela UNESCO. Essa experiência, desenvolvida em vários países, é pautada na produção de vários materiais didáticos fundamentados em seus ensinamentos políticos que geraram

programas de ensino e são utilizados frequentemente por docentes e facilitadores. Nesse contexto, a dimensão política mais trabalhada se limita às lutas das mulheres. Muito importante, é claro, mas não se registra nenhuma referência às dominações imperiais que impedem o desenvolvimento sociopolítico e econômico das comunidades onde militam essas mulheres.

Na afirmação freireana de que todo oprimido tem em si a imagem do opressor que ele queria ser, aparentemente pode parecer muito dura e, em certos momentos, parecer sem razoabilidade. Nessa constatação de Freire, encontra-se, certamente, uma contribuição fundamental segundo nosso julgamento. Embora essa afirmação de Freire possa parecer tão simples, situa a justificativa do sentido mais profundo da educação. O século vinte é testemunha dessa tragédia ou, em certos casos, comédia.

Tanto no Brasil quanto na América Latina, o trabalho tem ficado cada vez mais precário, e o trabalho feminino vem aumentando consideravelmente com uma frequente desvalorização das qualificações e dos salários. A reestruturação produtiva tem um significado bem mais amplo do que um ajustamento na produção, porque atinge diretamente os trabalhadores, as relações de trabalho estabelecidas e as conquistas obtidas depois de um século e meio de lutas pelos sindicatos.

A qualidade e a modernidade frequentemente têm como consequência a redução dos salários, da estabilidade e da carreira. Os trabalhadores estão sendo convidados a se preparar para vários empregos e diferentes funções. A segurança social – onde existe – é colocada, com frequência, em crise e diz respeito a trabalhadores qualificados e não qualificados. As bases salariais estão na origem da utilização crescente da casa como espaço de trabalho remunerado.

#### **4 PRESENÇA POLÍTICA DE PAULO FREIRE NA ESCOLA BRASILEIRA**

Paulo Freire é sempre inscrito na tradição da educação dos adultos, apesar do fato de que sua pedagogia é largamente difundida nas escolas de formação dos mestres e utilizada por eles. Se ele estava interessado em todas as formas de alfabetizar informalmente as crianças, os jovens e os adultos, não era totalmente indiferente à escola onde, com efeito, começou a trabalhar como educador e assumiu responsabilidades como a de secretário de Educação do Município de São Paulo entre 1989 e 1991. Essa função significava gerir uma rede de mais de 650 escolas com 700.000 alunos. Cercado por um grupo de amigos e discípulos, Freire procurou mudar o rosto das escolas e as confiou às comunidades locais (a autonomia da escola era uma de

suas convicções concernentes ao sistema educativo formal), criou conselhos escolares e associações de alunos e estimulou projetos autônomos.

Esse período foi muito complexo, pois os problemas eram muitos, e as críticas vinham de todas as partes. Eu havia discutido com ele e me lembro, em particular, que eu cobrava o fato de ser importante ensinar a língua portuguesa incluindo as nuances regionais, como, por exemplo, as do mundo camponês do Nordeste e que migraram para outras regiões. Ele procurara também melhorar a condição salarial dos educadores, que era – em verdade – extremamente modesto, e devolver um estatuto (dignidade) às escolas públicas. Essa presença como secretário municipal de Educação era resultado de uma escolha política, porque ele estava lá como representante do Partido dos Trabalhadores e foi nomeado por uma prefeita, a Sra. Luiza Erundina, que vinha do Nordeste (estado da Paraíba).

Em terras brasileiras, mesmo quando às vezes há controvérsias, o pensamento freireano impregna a pedagogia do conjunto do país. Seu interesse pelo desenvolvimento local é frequentemente reafirmado pela crise das pequenas comunidades, principalmente, nas instâncias municipais que dependem financeiramente da transferência de fundos intergovernamentais e do apoio dos deputados e dos senadores para obter fundos. Há, também, uma necessidade de formar os quadros administrativos e pedagógicos para a descentralização.

## **5 LOCAL, UNIVERSAL E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL**

O interesse de Paulo Freire pelo enraizamento da ação educativa nas comunidades e por uma relação direta com a população não era totalmente separado de seu interesse pelo universal. Para mim, é muito difícil, verdadeiramente impossível, compreender a interpretação de seu respeito pelo *local* – o local ou o regional – como uma rejeição do universal. Isso eu não consigo compreender.

Paulo Freire trabalhou na cooperação internacional com um espírito militante e demonstrava toda a sua preocupação com a invasão cultural que já estava presente no seu próprio país. Freire dizia que a invasão cultural é a penetração dos invasores no contexto cultural dos invadidos. Os primeiros impõem aos segundos sua visão do mundo e, ao mesmo tempo, paralisam sua criatividade. Na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidialógica, os invasores são os autores e os atores do processo de construção dos sujeitos. Os invasores escolhem, os outros seguem suas opções. Ele rejeitava e denunciava essa forma de invasão.

O pensamento freireano tem sido frequentemente utilizado como instrumento dos “invasores”: cooperação internacional e bilateral, governamental e não governamental continuam a se apropriar da obra de Paulo, sem previamente pôr a questão da dependência dessas cooperações. Eu, às vezes, fico admirado pela série de *honoris causa* que se deu a Paulo Freire nas universidades que não mudaram por ocasião das novas guerras coloniais, por exemplo, o Golfo e o Kosovo. Países que aceitaram as razões falaciosas dessas guerras e que foram desmascarados rapidamente.

## 6 PROPOSIÇÕES

Há um poema de Bertold Brecht, em que se conta a visita de um funcionário do partido comunista a uma aldeia muito pobre da União Soviética, para propor aos aldeãos que utilizassem a prata destinada à aldeia para construir um monumento em homenagem a Lênin. Um velho aldeão propôs utilizar sua parte para comprar petróleo e eliminar os pernilongos que incomodavam a população. A proposição foi votada por unanimidade. Seria interessante que as muitas universidades e os universitários e as associações educativas celebrarem Paulo Freire modificando suas práticas autoritárias e não dialógicas, suscitando cooperações bilaterais e internacionais sobre a base do respeito recíproco dos países e das culturas, por ocasião de guerras imperiais – e sem pedir dele que faça como o fez Paulo Freire - se implicar diretamente nos conflitos pela libertação – opondo-se a todo ato de violência cuja finalidade é de controlar os países e vender armamentos.

Proponho uma série de ações às instituições universitárias e às associações educativas que poderiam contribuir para que as reflexões de Paulo freire continuem nas políticas e nas atividades educativas da próxima década:

a) Nas reflexões de Paulo Freire, há um respeito e um interesse pelo trabalho, pela cultura e pelas diferentes formas de se expressar dos trabalhadores urbanos e rurais. O que seria possível para fazer frente à progressiva expropriação do trabalho e da cultura dos trabalhadores?

Ação: A cooperação, em âmbito nacional e internacional, de todos aqueles que se consideram engajados com o pensamento freireano, com manifestações de defesa e de proposições criativas dos trabalhadores sobre os lugares de produção e nas comunidades, em suas diferentes expressões (habitação, jornada de trabalho, mídia, vida associativa, lutas dos desempregados e dos camponeses sem terra etc.).

b) O espaço urbano estava no centro da preocupação de Paulo Freire, particularmente nas duas últimas décadas de seu trabalho. A degradação desse espaço diz respeito diretamente a uma parte importante dos trabalhadores no nível da qualidade de vida e, em certos casos, da sobrevivência. Como podemos lutar contra a marginalização urbana e dar como única resposta “humanitária” a essa degradação?

Ação: Nova concepção de urbanismo e de gestão da cidade, com o concurso de engenheiros, arquitetos, economistas, cientistas e artistas. Forte mobilização de todos da cidade e não somente dos bairros marginais, esse é o caso hoje.

c) Paulo estava atento, desde o início, ao avanço das novas tecnologias da informação e comunicação. Em um breve período de tempo, essas tecnologias transformaram a comunicação e a produção de bens simbólicos e de mercadorias. Como podemos deter uma divisão do mundo e dos grupos sociais engendrada por essas tecnologias, desenvolvidas e geradas com uma presença massiva das transnacionais?

Ação: Talvez as populações e os países seriam os primeiros atores a usarem as tecnologias da informação e comunicação democraticamente. O “Programa de Telecomunidades” brasileiro é um bom exemplo nessa direção. Não seria necessário também prever cadernos de responsabilidades para as indústrias dos NTI, particularmente em nível transnacional (a tarefa é pesada, mas não impossível)? Os pesquisadores poderiam se engajar também para encontrar uma forma de desenvolver a dimensão transitiva dessas novas tecnologias e não somente se ocupar dos desempenhos técnicos. Em outros lugares, seria importante salvaguardar as tecnologias tradicionais para todos aqueles que não têm acesso às novas tecnologias.

d) Para Paulo Freire, sempre foi determinante a contribuição dos trabalhadores com o desenvolvimento da própria educação. Se o analisarmos hoje políticas e programas educativos, apercebemo-nos de que eles são cada vez mais afastados das decisões, em certos casos, completamente esquecidos. Por outro lado, quantos desses trabalhadores estão presentes nas celebrações freireanas nos diferentes países do norte e do sul?

Ação: Isso poderia proporcionar uma participação maior dos trabalhadores na pesquisa e na definição de políticas educativas e um “patrocínio” direto das atividades internacionais nos domínios educativo e cultural, cada vez mais patrocinadas pelas transnacionais: o patrocínio não é sempre inocente.

e) A erosão do papel dos produtores locais e nacionais em relação às transnacionais é progressiva. Certas vezes, eles se salvam e tornam-se subcontratados. A

educação e a formação impostas do exterior contribuem para essa erosão e apresentam esses produtores como os beneficiários de uma cooperação educativa. É possível desenvolver uma educação e uma formação que reforcem a capacidade dos produtores locais e nacionais de participarem do produto nacional e do produto internacional brutos, recusando, todavia, todas as formas de autossuficiência e de populismo?

Ação: Atividade conjunta dos consumidores, dos produtores, das cooperativas, dos sindicatos e de outras formas de associações de trabalhadores para defender, com sua intervenção, a qualidade dos produtos, resultado de uma lógica puramente financeira, e promover uma distribuição equitativa desses produtos nos níveis nacional e internacional.

f) Paulo, que dominava bem o inglês e o espanhol e conhecia também o francês, tinha o hábito de começar suas intervenções em português. Por quê? Era a afirmação de que cada indivíduo deve ter o direito de se exprimir na própria língua. Hoje a “monolíngua” não reina somente no mundo financeiro e econômico, mas também no mundo educativo. Com a língua, veiculam-se e se impõem valores que não contribuem para exaltar os valores de diferentes países.

Ação: Esforço para a revalorização antropológica e arqueológica das línguas (que, de maneira abusiva, chamamos de minoritárias – nenhuma língua é minoritária), não somente sobre um quadro cultural, mas também sobre o local produtivo.

g) A cooperação internacional foi, durante mais de 25 anos, um aspecto significativo da atividade de Paulo Freire. Discutia-se frequentemente sobre o conjunto da recuperação que poderia fazer de nossas ações as organizações governamentais e não governamentais, mas porque nem um de nós éramos moralistas, continuávamos a agir naturalmente muito atentos a esse aspecto. É cada vez mais necessário desenvolver novas práticas de cooperação internacional com a participação de todos os países. Mas, atenção! As únicas bandeiras nacionais podem não ser nada mais do que uma máscara.

Ação: Se a cooperação internacional democrática está fundada na participação – não somente do conjunto dos países, mas também do das populações – deve se desenvolver nos campos, nos bairros e nas cidades, e não, unicamente, nos centros de poder dos países mais poderosos, que dominam facilmente as estruturas dos mais fracos da periferia.

h) Há vários anos, assistimos a novas formas de reprimir um país sobre o outro e em conflitos permanentes para além de toda a lógica entre países e no interior deles,



mesmo com diferentes formas que, daqui em diante, concernem a todos os continentes. Essas tendências infelizmente não parecem parar.

Ação: O mundo educativo não pode continuar inativo e se limitar a observar esses conflitos. Paulo Freire, particularmente nos anos 1960 e 1970, estava presente nessas lutas. Precisaria talvez estimular hoje uma presença do mundo intelectual e educativo nas diferentes formas de resistir às novas opressões.

i) Para Paulo, a educação e a cultura estavam estreitamente ligadas. Seus interesses pedagógicos se situavam sempre no interior das realidades culturais. Infelizmente, hoje, se há associação entre os dois, o papel da cultura é, sobretudo, de reforçar a atividade pedagógica.

Ação: Seria interessante analisar como as culturas – particularmente as que atualmente estão ameaçadas de ser eliminadas – poderiam se defender amiúde da comunicação - e por que não? - de uma educação que contribuiria para potencializar essas violências e essas alienações.

j) Se analisarmos as bibliografias que dizem respeito à educação no mundo, veremos que a reflexão pedagógica proveniente do hemisfério sul quase desapareceu. Se, de tempos em tempos, as bibliografias ainda fazem referência a Paulo Freire, elas omitem as referências aos grandes pensadores de sua estatura (Nyerere, Gandhi, Frantz Fanon) e aos novos pensadores desse hemisfério.

Ação: Introduzir, nos programas universitários e nas associações educativas e culturais de hemisfério norte e do hemisfério sul, mais referências às reflexões e às lutas educativas que se desenvolvem em condições frequentemente muito difíceis, particularmente no hemisfério sul.

Por que eu propus essas ações em nome do pensamento de Paulo Freire? Foi para fazer circular sua reflexão intelectual e política:

- a) da demagogia;
- b) da reflexão acadêmica, apreciável, mas pouco preocupada em atualizar esse pensamento no quadro das novas condições históricas;
- c) para provocar um novo interesse por suas obras, na perspectiva da história para o futuro.

Todas essas proposições não são nada mais do que um convite. Sabe-se, todavia, que François Rabelais nos lembrava – como na abadia de Thélème – que o modo de vida dos thélêmicas era regrado:

“Toda a sua vida era regida não pelas leis dos estatutos ou das regras, mas segundo sua vontade e seu livre-arbítrio. Saíam do leito quando parecia bom, bebiam, comiam, trabalhavam, dormiam quando vinha o desejo. Nada os despertava, nada os obrigava a beber nem a comer, nem a fazer o que quer que seja. Assim, decidiu Rabelais Gargantua. E todas as suas regras mantinham esta cláusula: Faz o que queres.”

#### ABSTRACT

The text marks an analysis carried out in the published literature concerning Paulo Freire, with emphasis on the active subjects of his reflection, who are the workers. It shows that both, in Brazil and Latin America, there is an increase in precarious work and female work, with a frequent devaluation of qualifications and wages. It shows the growing interest in update the thinking of Paulo Freire and the emphasis the weakening of studies about him and about the emphasis of the strong political dimension, which is the greatest mark of his reflections in defending the educational action. The work allows us to reflect that the interest of Paulo Freire in rooting educational action in the communities and in a direct relationship with the population was not separated from his interest in the universal. It emphasizes that it is very difficult or even impossible to understand the interpretation of his respect for the local or regional as a rejection of the universal.

**Keywords:** Work with fighting force. Paulo Freire. Relation between local and universal.

---

Submetido em: 07/06/2016

Aprovado em: 08/06/2016

Publicado em: 20/06/2018